

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - CETREDE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

DESENVOLVIMENTO DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS
NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

WIRLA RISANY LIMA CARVALHO

FORTALEZA – CEARÁ

2007

**DESENVOLVIMENTO DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS
NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

WIRLA RISANY LIMA CARVALHO

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO CEARÁ.

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Wirla Risany Lima Carvalho

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Gláucia Maria de Menezes Ferreira L.D.
Orientadora

RESUMO

Este trabalho fundamenta e demonstra como o desenvolvimento das Inteligências Múltiplas pode influenciar e até melhorar a forma de intervenção psicopedagógica. Trabalha os aspectos de cada tipo de inteligência – de acordo com a Teoria das Inteligências Múltiplas – demonstrando como cada uma se comporta, como se trabalha e avalia o aprendente, a partir da análise de suas diversas características – tanto de forma isolada como em conjunto. Expõe metodologias de intervenção psicopedagógica usando os fundamentos das inteligências múltiplas e o resultado hipotético que pode ser auferido com esse tipo de intervenção.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1. A EXISTÊNCIA DE INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS.....	07
1.1. Teoria das Inteligências Múltiplas.....	09
1.2. Tipos de Inteligências Múltiplas.....	12
1.2.1. Lingüística.....	13
1.2.2. Lógico-matemática.....	13
1.2.3. Musical.....	13
1.2.4. Intra-pessoal.....	14
1.2.5. Interpessoal.....	14
1.2.6. Corporal cinestésica.....	14
1.2.7. Espacial.....	15
2. INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.....	15
2.1. Diagnósticos	17
2.2. Metodologias Utilizadas.....	23
2.3. Resultados.....	24
3. DESENVOLVIMENTO DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.....	25
3.1. Importância do Desenvolvimento Integral do Paciente.....	26
3.2. Contribuição da Inteligência Múltipla dominante no indivíduo para a dificuldade específica apresentada.....	28
4. METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO TRABALHANDO AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS.....	30
4.1. Diagnósticos.....	31
4.2. Intervenção Psicopedagógica.....	33
4.3. Resultados.....	40
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA.....	44

INTRODUÇÃO

Estamos inseridos em um contexto social que nos motiva constantemente a acompanhar as tendências mundiais. Neste sentido, profissionais de todas as áreas têm se movido em busca de novos conhecimentos que possam embasar transformações e inovações benéficas em suas atuações profissionais. Nenhum profissional que atua, direta ou indiretamente, na educação, deve se pôr à margem do que acontece na sociedade e nos âmbitos do sistema de ensino de que faz parte. Existem imensos desafios a enfrentar e um deles é permanecer ativo e inovador, com conhecimentos que sempre superem e qualifiquem a sua atuação profissional.

A Psicopedagogia como área de conhecimentos, mais ligados à aprendizagem, nos dá grande oportunidade de atuar mais ativamente neste contexto, a partir do momento que precisamos estudá-la e oferecer respostas, que possam ajudar na resolução de problemas. O primeiro desafio do Psicopedagogo é o de colaborar na mudança de seu próprio campo de trabalho. Nosso objetivo, portanto, neste trabalho é estudar e possivelmente oferecer uma nova forma de intervir psicopedagogicamente, a partir de nossas experiências, tomando também como base pressupostos teóricos importantes da área de fundamentação, que enriquecem e valorizam o papel do profissional de Psicopedagogia e desta grande área profissional.

Apesar do papel do Psicopedagogo ser muito mais abrangente do que apenas o de um profissional que intervém com um sujeito, em busca de solucionar a sua queixa principal de não-aprendizagem, limitaremos nossos estudos apenas ao processo de intervenção realizada clinicamente, nos casos de pessoas tratadas de forma individual. Então, falaremos basicamente de processos de intervenção clínica, não abrangendo as intervenções grupais, que os profissionais da área também realizam.

Pretende-se analisar de que forma o desenvolvimento das “Inteligências Múltiplas”, pode participar no processo de intervenção psicopedagógica. Este é o enfoque deste trabalho e, partindo daí, buscar-se propor formas inovadas de realizar um processo interventivo mais detalhado, dinâmico e consciente das especificações de aprendizagem de cada aprendente em meio a todo o processo de intervenção.

1. A EXISTÊNCIA DE INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

O dicionário pesquisado nos apresenta como inteligência a “faculdade ou capacidade de aprender, apreender, compreender ou adaptar-se facilmente; intelecto, intelectualidade”. Continua em seu apanhado sobre o tema dizendo que é “destreza mental; agudeza; perspicácia” (Aurélio, 2004, pág. 425). Em suma, temos aqui relatada uma visão abrangente e simplificada do que seria inteligência, diferentemente das conceituações científicas que os neurocientistas oferecem para todos os processos geradores da inteligência.

Certamente, é fato intrigante o conhecimento a respeito do cérebro e de sua capacidade cognitiva. Inúmeros estudiosos adentraram neste campo buscando respostas e conclusões, que pudessem explicar o tamanho e a importância desse instrumento ao nosso desenvolvimento, como seres humanos. Não é nosso objetivo aqui discorrer sobre as diversas facetas e peculiaridades de cada estudo de cientistas que desenvolveram pesquisas sobre o cérebro e suas funções, mas iremos citar e ressaltar apenas alguns conhecimentos básicos e imprescindíveis – do ponto de vista de alguns estudiosos – acerca do tema Inteligências Múltiplas.

Howard Gardner (1985) lançou sua Teoria das Inteligências Múltiplas, onde defende que os seres têm sete tipos de inteligências: lingüística, lógico-matemática, visuo-espacial, musical, corpo-cinestésica, sócio-interpessoal e intrapessoal. Além de mais tarde, considerar a possibilidade de uma inteligência ‘*naturalista*’ e de uma outra inteligência a ‘*espiritual*’. Onde acredita que os seres desenvolvem suas capacidades de forma independente, ao mesmo tempo, que de forma levemente inter-relacionadas. Demonstrando que alguns indivíduos desenvolvem alguns tipos a mais de inteligência que outros. Gardner também considera o fator cultural e sociológico como estimulante a esse processo de desenvolvimento das inteligências.

O estudo do psicólogo foi contestado pelo professor Luiz Machado, Ph.D, cientista fundador e mentor da EMOTOLOGIA – estudo do conjunto de conhecimentos sistematizados para promover o desenvolvimento das capacidades humanas como elemento de auto-realização – de onde nasceu a EMOTOPEDIA que é uma metodologia de aprendizagem acelerativa (Machado, 2007).

Este autor coloca que:

“Para que haja um determinado tipo de inteligência é preciso que a Natureza tenha assim determinado e criado as condições físico-orgânicas para isso. Ao se estudar o cérebro sadio, com o propósito de entender o seu funcionamento e sua capacidade de operar, compreender e criar coisas, só encontramos condições para dois grandes tipos de inteligência: a Grande Inteligência – a inteligência de ser, analógica e instintiva – e a Inteligência Racional – também chamada de Noética, tornada possível pelo intelecto e suas funções, identificada com a lógica aristotélica” (Machado, 2007, p.1).

O mesmo autor complementa dizendo:

“As estruturas que tornam possível a Grande Inteligência são as que compõem o chamado sistema límbico, e as estruturas que tornam possível a Inteligência Racional é a organização neuronal do córtex cerebral, não havendo, além dessas, estruturas cerebrais que nos permitam falar em outros tipos de inteligência” (Machado, 2007, p. 1).

O professor afirma que “Howard Gardner, ao lançar sua teoria das múltiplas inteligências (...), parece ter confundido habilidade com inteligência”. Continua suas considerações mencionando:

“Na verdade, o que Gardner chamou de “inteligências” são habilidades que estão englobadas nos dois grandes tipos de inteligência, mas não constituem, por si mesmas, tipos de inteligência” (Machado, 2007, p.1).

Defende a idéia de que a Grande Inteligência é tornada possível basicamente pelas estruturas do sistema límbico, que se situam no interior do cérebro e que é responsável pelas emoções. Alguns estudiosos a chamam de *inteligência emocional*, mas o professor Luiz Machado absteve-se de usar esse termo. Preferindo chamar apenas de *Grande Inteligência* e utilizou esse termo pela primeira vez em uma conferência em Estocolmo, na Suécia, no ano de 1984. Outro ponto que é trabalhado nesta sua teoria (de que existe apenas dois tipos de inteligência) é que o fato de termos dois hemisférios cerebrais, cada qual com suas funções específicas, embasa esse estudo, já que o hemisfério esquerdo é o da inteligência lógico-racional e o direito é o da Grande Inteligência (*inteligência emocional* – tratado assim por outros estudiosos).

Cita que as habilidades lingüísticas são possíveis graças a estruturas do hemisfério esquerdo (área de Broca e de Wernicke), estruturas essas também das lógico-matemáticas; e sendo responsável pelas inteligências musical, corpo-cinestésica, sócio interpessoal, intrapessoal e a naturalista temos o hemisfério direito. Outra consideração do professor Luiz Machado é que temos duas maneiras de pensar: a indução (que vem da Grande Inteligência, também chamada de inteligência emocional) e a dedução (que vem da Inteligência Noética, também chamada de inteligência racional). Concluindo sobre as colocações do professor Luiz Machado podemos sucintamente dizer que para ele não existem inteligências múltiplas e, sim, habilidades dos dois grandes tipos de inteligência.

Existindo duas inteligências apenas (do ponto de vista do professor Luiz Machado) ou sete ou mais tipos de inteligência (como defende o psicólogo Howard Gardner), o fato é que existem habilidades específicas diferenciadas que trabalham aspectos cognitivos próprios. Em um ponto os dois concordam quando admitem que existem essas peculiaridades e capacidades cognitivas para diversas áreas de conhecimento, independentes de onde elas possam localizar-se. E é este nosso papel neste trabalho, não entrar no mérito da questão de quem está com a razão – porque isto requer vasto estudo e embasamentos teóricos diversos – mas, sim, partir de um ponto próprio de análise que é *a existência de áreas cognitivas próprias que trabalham diferentes aspectos do ser humano*.

Continuaremos, portanto, utilizando o termo Inteligências Múltiplas no sentido de que são habilidades cognitivas próprias e com peculiaridades inerentes a cada área de conhecimento, independente de onde estão localizadas em nosso cérebro.

1.1. TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Howard Gardner (1985), psicólogo americano e construtivista (influenciado pelos estudos de Piaget), lançou em 1985 a *Teoria das Inteligências Múltiplas* com o intuito de questionar a visão tradicional da inteligência, que era medida a partir de coeficientes auferidos por um aparelho – criado por Alfredo Binet no início do século XX – que indicava o grau de inteligência de um indivíduo, analisando apenas as áreas verbal e lógica (importantes para a época que valorizavam em seus currículos, sobretudo, o desenvolvimento da linguagem e da matemática).

O uso constante deste instrumento, deu origem mais tarde aos famosos testes de inteligência desenvolvidos por Terman, na Universidade de Standford na Califórnia. Apesar de o próprio Binet ter reconhecido, na época, que os números não representavam de fato a complexidade envolvida no processo de inteligência, Howard partiu para pesquisas e estudos que comprovassem os seus questionamentos sobre os métodos dantes utilizados. Seus questionamentos traziam uma insatisfação com a idéia de QI e com visões unitárias de inteligência focalizadas apenas para os currículos escolares, ao invés de focalizadas no “todo” (grifo nosso) do indivíduo aprendente.

Em seus estudos acerca da temática chegou a definir inteligência como uma *habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais*. O que é importante para nós hoje, já que estamos inseridos num contexto de aprendizagem globalizada. Acredita-se que todos os indivíduos normais são capazes de atuar em sete áreas intelectuais distintas e, de certa forma simultaneamente, para a resolução de problemas e para agir mais eficazmente dentro de suas próprias culturas.

Recentemente Gardner inseriu em seus estudos a consideração de duas novas inteligências: a naturalista (capacidade de interação com a Natureza) e a espiritual (relacionada à espiritualidade do ser).

Gardner acredita que os indivíduos podem ter performances – maiores ou menores – em qualquer área de atuação, pois cada um tem uma capacidade inata, geral e única. Ele redefine inteligência à luz das origens biológicas da habilidade de resolver problemas. Seu estudo foi todo baseado na observação de como os indivíduos faziam para resolver seus problemas e a utilização de suas habilidades para tal intento, até que chegava ao ponto principal: tipo de capacidade e inteligência que foi utilizado nesse processo. Sendo que desse estudo observou e classificou sete tipos de inteligência. Sugere que as habilidades humanas são organizadas de forma vertical ao invés de horizontal, o que equivale dizer que não há uma faculdade mental geral, como a memória, mas talvez existam formas independentes de percepção, memória e aprendizado, de acordo com cada área ou domínio. Sem desconsiderar as semelhanças e inter-relações existentes entre essas áreas.

Importantes aspectos também foram estudados pelo psicólogo, embora não seja nosso objetivo neste trabalho aprofundar conhecimentos sobre sua obra é válido ressaltá-los:

- Como se deu o desenvolvimento cognitivo através dos milênios;
- O desenvolvimento de diferentes habilidades em crianças normais e em crianças superdotadas;
- O desenvolvimento de adultos com lesões cerebrais e como estes não perdem a intensidade de suas produções intelectuais, apesar de perder apenas uma ou algumas habilidades, preservando outro tipo de habilidade;
- O desenvolvimento de autistas – que, pelo seu estudo, apresentam ausências nas suas habilidades intelectuais;
- O desenvolvimento dos idiot-savants – que, pelo seu estudo, dispõem de apenas uma competência, sendo bastante incapazes nas demais funções cerebrais.

Gardner basicamente defende a idéia de que os processos psicológicos independentes são empregados quando o indivíduo lida com símbolos lingüísticos, numéricos gestuais ou outros símbolos, mesmo que Piaget tenha defendido a idéia de que todos os aspectos da simbolização partissem de uma mesma função semiótica. Fundamentando seu pensamento, Gardner usava como exemplo o fato de que algumas crianças têm desempenhos precoces em algumas áreas (caracterizando o 'pensamento formal' idealizado por Piaget), enquanto em si mesmas têm um desempenho na média ou abaixo da média em outras áreas cognitivas (caracterizando o 'período sensório-motor' idealizado pelo colega Piaget). Analisando psicologicamente, Gardner (1982) afirma que cada área ou domínio tem seu sistema simbólico próprio; e analisando sociologicamente, ele defende que cada domínio se caracteriza pelo desenvolvimento de competências valorizadas de acordo com as especificidades de diferentes culturas.

Suas considerações acerca de cada tipo de inteligência serão de grande valia para nosso trabalho já que queremos estudá-las, para entender como podemos realizar uma intervenção psicopedagógica mais eficiente, levando em consideração que trabalharemos com indivíduos que têm suas particularidades e culturas próprias, devendo ser tratados como individualidades também neste sentido.

Um de nossos objetivos almejados é o de demonstrar que não existem fórmulas para se intervir psicopedagogicamente, mas sim que o profissional de psicopedagogia deverá observar, analisar e traçar uma intervenção particular e eficiente, para cada sujeito que o procure, conhecendo a fundo o perfil deste indivíduo enquanto ser aprendente e humano, observando as particularidades de cada habilidade cognitiva que este apresenta e, a partir destas, intervir de forma mais eficaz.

1.2. TIPOS DE INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Realizando um apanhado, antes de ver as especificidades de cada uma, temos que Gardner postulou que essas competências intelectuais são relativamente independentes, têm sua origem, limites genéticos próprios e substratos neuroatômicos específicos, que dispõem de processos cognitivos próprios. Toma neste estudo a consideração que os seres humanos dispõem de graus variados de cada uma das inteligências, maneiras diferentes com que elas se combinam e se organizam, utilizando-se dessas capacidades para resolverem seus problemas e criarem outros produtos no mundo material. Ressalta que essas inteligências – apesar de serem de certa forma independente umas das outras – raramente funcionam isoladamente. O que o faz afirmar que existem em muitos casos combinações dessas inteligências para execução de atividades e ações mais complexas. Gardner propõe que todos os indivíduos, em princípio, têm a habilidade de questionar e procurar respostas usando todas as inteligências e que todos os indivíduos trazem em sua bagagem genética certas habilidades básicas em todas as inteligências. O desenvolvimento apurado de certas inteligências se daria por fatores genéticos, neurobiológicos, por condições ambientais e sócio-culturais.

Para ele, cada uma destas inteligências têm sua forma própria de pensamento, ou de processamento de informações, além de seu sistema simbólico, sendo que estes sistemas estabelecem o contato entre os aspectos básicos da cognição e a variedade de papéis e funções culturais. Considera que a cultura e as exigências sociais - em termos de diversidades sócio-culturais e ambientais - são estímulos ao desenvolvimento de certas inteligências. Se observarmos esse estudo e essas prerrogativas detalhadamente, podemos concluir que quanto maior for a complexidade das ações e atividades, maior será o concurso destas inteligências para a execução do objetivo final.

Para classificar esta colocação é feita a seguir uma explanação das particularidades de cada tipo de habilidade.

1.2.1. LINGÜÍSTICA

Esta é a habilidade de se expressar por meio da linguagem verbal, em suas formas oral ou escrita. Manifesta-se na forma criativa de lidar com as palavras. O indivíduo trabalha mais a sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras, além de uma especial percepção das diferentes funções da linguagem. É uma habilidade exibida na sua maior intensidade pelos poetas. É a habilidade de usar a linguagem para agradar, convencer, estimular ou transmitir idéias. Em crianças podemos observar essas habilidades quando são mais capazes para contar histórias originais ou para relatar experiências vividas de forma mais precisa.

1.2.2. LÓGICO-MATEMÁTICA

A habilidade lógico-matemática refere-se ao domínio dos raciocínios lógicos e dedutivos, bem como da compreensão de modelos matemáticos. Está diretamente relacionado ao pensamento científico. Há uma sensibilidade maior para padrões, ordem e sistematização. É a habilidade para explorar relações, categorias e padrões, através de manipulação de objetos e símbolos; lidar com séries de raciocínios, reconhecimento de problemas e busca de soluções. É característica dos grandes matemáticos e cientistas, apesar de que as motivações de cada classe sejam diferentes. Enquanto os matemáticos querem dar consistência a conceitos abstratos, os cientistas querem explicar os fenômenos da natureza.

1.2.3. MUSICAL

A habilidade para se expressar por meio dos sons, para organizá-los de maneira criativa, a partir de elementos como tons e timbres caracteriza a inteligência musical. É uma aptidão para apreciar, compor ou reproduzir sons ou uma peça musical. O indivíduo é mais capaz de diferenciar sons, temas musicais, ritmos, texturas e timbres diversos, produzindo e reproduzindo músicas. Indivíduos mais sensíveis nessas áreas adoram cantar para si mesmos e identificam facilmente tudo o que se relaciona à música.

1.2.4. INTRA-PESSOAL

Esta é a habilidade de estar bem consigo mesmo. Está ligado à capacidade de administrar os próprios sentimentos e de usá-los para alcançar objetivos pessoais. É a aptidão para ter acesso aos sonhos e idéias, para discriminá-los e aprender a resolver problemas diversos. É a capacidade de formular uma imagem precisa de si mesmo. A habilidade para usar essa imagem para viver de forma mais efetiva e feliz. Esta é observável através de sistemas simbólicos de outras inteligências. Facilmente observável através das manifestações lingüísticas, musicais ou cinestésicas.

1.2.5. INTERPESSOAL

A habilidade de se relacionar bem com as outras pessoas define a inteligência interpessoal. Caracteriza-se pela capacidade de compreender as motivações e expectativas dos demais, participando mutuamente do crescimento de todos. Pode ser descrita também como entender e responder adequadamente a humores, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas. É melhor apreciada na observação de profissionais da área da psicologia, educação, política e vendas. Manifesta-se através do reconhecimento de outras pessoas (quando a criança ainda está em tenra idade). Em sua forma mais avançada, como a percepção das intenções e desejos dos outros; como lidar e reagir a isso. Observamos essa habilidade em crianças com lideranças naturais desde cedo, já que entendem mais os desejos dos outros.

1.2.6. CORPORAL-CINESTÉSICA

A inteligência corporal-cinestésica caracteriza-se pela habilidade de dominar os movimentos do corpo, que pode ser um instrumento eficiente de expressão. Inclui a agilidade de manipular objetos. Capacidade de resolver problemas ou criar produtos através do uso de parte ou de todo o corpo. Utiliza-se da coordenação motora grossa ou fina nas áreas do esporte, artes cênicas ou plásticas, no controle dos movimentos do corpo e na manipulação de objetos com destreza. Crianças com esta habilidade se movem com graça e expressão quando estimuladas por músicas ou por estímulos verbais; algumas demonstram grande habilidade atlética ou uma coordenação fina apurada.

1.2.7. ESPACIAL

A pessoa inteligente espacialmente tem acurada habilidade de formar um modelo mental preciso de uma situação espacial e de utilizar esse modelo para se orientar. A grosso modo, podemos dizer que é uma habilidade que dá o sentido de direção. É a capacidade de se perceber o mundo visual e espacial de forma precisa; também uma capacidade de manipular formas ou objetos mentalmente criando projeções reais desses elementos. É mais observada nos artistas plásticos, nos engenheiros e nos arquitetos. Podemos observá-la em crianças com facilidades para quebra-cabeças, outros jogos espaciais e de atenção a detalhes visuais.

2. INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Vivemos em um contexto social que nos motiva constantemente a superar nossas limitações, bem como entendermos o que somos, quem somos e para que sermos assim. Onde buscar nossas maiores virtudes?! Como vencer nossas maiores limitações?! Dessas constantes indagações nascem receios e medos - limitações enormes - que acabam por minar a aprendizagem de muitas pessoas, desde suas tenras idades. Daí nasceu a necessidade de um estudo mais profundo sobre as particularidades da aprendizagem. A Psicopedagogia veio dar suporte a um entendimento mais apurado acerca desta questão, somando esforços ao próprio desenvolvimento dos seres humanos, enquanto construtores de suas próprias experiências. Recursos mais técnicos deveriam ser trabalhados no estudo da aprendizagem, além dos aspectos emocionais de que a Psicologia e áreas afins já abraçavam. Portanto, profissionais da área educacional se especializaram no estudo da cognição e suas peculiaridades, desenvolvendo formas e metodologias de tratamento – também chamadas de Intervenção Psicopedagógica – que têm o objetivo de auxiliar o ser aprendente nesta busca pela sua capacidade cognitiva, que muitas vezes, encontra-se apenas momentaneamente com dificuldade.

A Psicopedagogia Clínica trabalha o processo de aprendizagem de um sujeito e as diversas variáveis que interferem nesse processo. Além de tratar os aspectos cognitivos mais “técnicos” – como, por exemplo, melhorar o nível de escrita do sujeito ou ensiná-lo a ler corretamente, entre outros – o Psicopedagogo tem como principal missão a de trabalhar no indivíduo a sede de aprender que, por um motivo ou outro, se perdeu em algum momento, gerando essa “incapacidade” .

Numa intervenção psicopedagógica temos de observar atentamente os aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos, dentro de um contexto integrado inicialmente. Em seu livro, *A Inteligência Aprisionada*, Alícia Fernandes (1991, p.107) defende que “em cada um de nós, podemos observar uma particular ‘modalidade de aprendizagem’, quer dizer, uma maneira pessoal para aproximar-se do conhecimento e para conformar seu saber. Tal modalidade de aprendizagem constrói-se desde o nascimento e através dela nos deparamos com a angústia inerente ao conhecer-desconhecer”. Inere-se, portanto, que cada indivíduo constrói sua modalidade de aprendizagem, a partir da observância de aspectos que vivenciou na família, na escola ou na sociedade. Nós somos seres que constantemente estamos assimilando dados e informações, bem como acomodando cada conjunto de informações e recriando nossas próprias inclinações. Adaptamo-nos biológica e sociologicamente de forma constante – nisto consiste a aprendizagem.

Ao realizar uma Intervenção Psicopedagógica inicialmente devemos colher informações, a partir do contato com o indivíduo, para que possamos formar um diagnóstico preciso e eficiente, no tocante ao problema de aprendizagem ali apresentado. Uma série de passos devem ser seguidos para coleta dessas informações, sempre de forma atenta e sensível do profissional de psicopedagogia. A obtenção de respostas é de extrema importância nesse processo, já que através do diagnóstico embasaremos a existência ou não de patologias estruturadas no aprender (como os sintomas, inibições, transtornos de aprendizagens reativos etc.). Alícia Fernandes (1991, p. 37) destaca algumas questões sobre o paciente, que merecem respostas acuradas para uma boa formação de diagnóstico:

- “Com que recursos conta para aprender?”
- O que significa o conhecimento e o aprender no imaginário do sujeito e sua família?
- Que papel foi-lhe designado por seus pais em relação ao aprender?
- Qual é sua modalidade de aprendizagem?
- Qual é a posição do sujeito frente ao não dito, ao oculto, ao secreto?
- Que função tem o não aprender para ele e para seu grupo familiar?
- Qual é o significado da operação particular que constitui o sintoma?
- Como aprende e não aprende?
- O não aprender responde a um sintoma, ou é uma resposta reativa ao meio sócio-educativo?”.

Discorrer sobre cada questão apresentada acima, dará ao psicopedagogo uma noção do campo de aprendizagem e o significado disto para o sujeito e sua família. Daí formará uma linha de ação para realizar uma intervenção significativa e de bons resultados.

2.1. DIAGNÓSTICOS

Através das etapas de diagnóstico e tratamento o psicopedagogo identifica, analisa, planeja e intervém no processo de aprendizagem de um sujeito. A base de uma intervenção bem realizada é um diagnóstico bem feito, o mais realista possível e com o maior número de informações, bem como conclusões acerca da modalidade de aprendizagem do indivíduo, que se propõe a este tipo de tratamento. Deve-se identificar através do diagnóstico: problemas de aprendizagem, problemas em outras áreas (psicológicos, neurológicos, fonoaudiológicos, psicomotores ou outros), até mesmo nenhum problema com o indivíduo e sim com a escola.

O ideal de sessões para a realização de um diagnóstico eficaz seria de 08 a 10, e se possível, com a constância de duas vezes por semana, para que o vínculo seja estabelecido e tendo fortalecido as relações, o profissional possa extrair nesse período a essência da aprendizagem daquele indivíduo.

Como o objetivo geral do diagnóstico é a compreensão global da aprendizagem e dos seus desvios, temos de analisar as diversas perspectivas envolvidas nesse contexto: da sociedade, da escola e do aluno.

A respeito da perspectiva da sociedade vamos analisar as condições sócio-econômicas e culturais (casos das classes menos favorecidas), bem como os aspectos físicos (nutrição e desenvolvimento) e psicossociais (limitações à realização das potencialidades).

Dentro da perspectiva escolar podemos observar que a escola não é isolada do sistema sócio-econômico, que, muitas vezes, ela pode contribuir significativamente para o fracasso escolar, além de geralmente quando detectados problemas de aprendizagem, ela transferir para o aluno a responsabilidade do fracasso, ao invés de responsabilizar-se revendo a metodologia adotada como sistema de ensino.

E, no que concerne ao aluno, os aspectos a observar-se são dentro do âmbito orgânico (as dificuldades e deficiências sensoriais; a desnutrição e patologias crônicas), no âmbito cognitivo (as funções intelectuais – memória, atenção e pensamento; a motivação; o ritmo de aprendizagem e a metodologia de estudo), no âmbito emocional (as relações estabelecidas com conhecimentos gerais e saber escolar; dificuldades psicoafetivas que interferem na aprendizagem e o núcleo familiar – princípios educativos e relação com a aprendizagem), no âmbito social (a ideologia da escola – vivência simbólica; as ideologias das classes sociais), enfim no âmbito pedagógico (a metodologia de ensino – autoritária / democrática; o sistema de avaliação – normativa/formativa; a quantidade e a qualidade das informações; a estruturação de turmas – critérios e número de alunos; a relação professor/aluno).

O processo de investigação para formação de hipótese do diagnóstico dá-se, inicialmente, através de uma entrevista com os pais e/ou responsáveis, onde serão colhidas deles informações sobre o “universo” do sujeito ali necessitado de auxílio.

Existem três formas de se entrevistar: estruturada (seguindo um roteiro de perguntas e realizando anotações apenas dos itens constantes no documento), semi-estruturada (segue um roteiro, mas age com certa liberdade de questionamentos, afim de complementar o quadro de investigações) e de forma livre (sem estrutura prévia definida e conduzida a partir das manifestações dos pais/responsáveis).

Podemos classificar as entrevistas de acordo com as suas finalidades em pelo menos cinco tipos:

- Entrevista de triagem – tem como objetivo principal avaliar a demanda do sujeito e fazer um encaminhamento. São mais comuns em serviços de saúde pública ou em clínicas sociais, devido à grande demanda existente pelos diversos tipos de atendimento oferecidos nesses centros. Serve para avaliar a adequação da demanda em relação ao encaminhamento solicitado;
- Entrevista de anamnese – Anamnese é uma técnica de entrevista estruturada com o objetivo principal de realizar um levantamento da história do desenvolvimento do indivíduo desde a sua infância (ênfase maior nessa fase) até o momento presente;
- Entrevista diagnóstica – é uma entrevista onde se descreve, avalia, relaciona e infere sobre o que se quer investigar de forma mais explícita e direta;

- Entrevista sistêmica – geralmente está direcionada aos casais e as famílias, a fim de analisar a estrutura, as relações e a história familiar envolvida no processo daquele sujeito;
- Entrevista devolutiva – é realizada com o objetivo de comunicar ao sujeito o resultado da avaliação. Neste momento é importante que o indivíduo se expresse acerca do resultado e das recomendações do avaliador.

É importante que na entrevista inicial o profissional esteja completamente concentrado neste momento, já que como o objetivo inicial é a investigação da queixa e o estabelecimento do enquadre, portanto deve agir com uma postura de escuta e acolhimento. Dentro da investigação da queixa iremos colher informações sobre o motivo da consulta, a fantasia de cura, de doença que a família e o indivíduo têm, os sintomas apresentados ou relatados e a natureza dos vínculos familiares com o sujeito. O motivo da consulta pode ser manifesto ou latente e só irá se revelando ao longo da entrevista.

Geralmente os clientes são frutos de encaminhamentos da escola e os pais tendem a repetir o discurso passado a eles. As fantasias de doença e cura são também analisadas a partir da percepção das falas e dos gestos da família em relação às explicações do profissional. O sintoma é importantíssimo para que se descubra o real problema (a mensagem, o grito implícito no ser que apresenta a dificuldade de aprendizagem). Mannoni & Arzeno (1995) em estudos sobre Freud e a psicologia nos explica que todo sintoma causa um benefício secundário, pois inclui sempre o indivíduo e o outro (em nível familiar, muitas vezes expressam pais patogênicos que precisam dos sintomas do filho). Por isso é importante verificar o que o sujeito obtém nesse sentido e o que perderia se abandonasse o sintoma. É de grande valia observar a natureza dos vínculos de transferência e contratransferência apresentados no decorrer da entrevista, que geralmente é breve no início, mas vai aumentando com o desenrolar do processo de intervenção. No estabelecimento do enquadre o papel do terapeuta é o esclarecimento das dúvidas e expectativas, informar o número de sessões necessárias, a duração, o horário, o local, bem como os honorários e o modo de pagamento. Esse quadro é estruturado em função das especificidades de cada cliente.

Podemos inferir que ao final da entrevista inicial temos como ter uma noção da imagem do conflito central, de suas variantes, da história da vida do cliente e da situação desencadeadora daquele processo, uma hipótese inicial (confirmada ou modificada ao longo do processo de avaliação) e, por fim, uma seqüência diagnóstica.

Maria Lúcia Weiss (1997, p.39) foi criadora da ENTREVISTA FAMILIAR EXPLORATÓRIA SITUACIONAL (EFES) que tem como objetivos principais: verificar a compreensão da queixa nas dimensões familiar e escolar, as expectativas familiares em relação à aprendizagem escolar e as expectativas em relação ao terapeuta; bem como realizar o enquadre e o esclarecimento do processo diagnóstico. Ela observa que alguns indicadores são importantes para análise dentro dessa entrevista:

- Papéis – pais-filhos, feminino-masculino;
- Nível de comunicação entre os integrantes – climas de liberdade ou de censura no diálogo entre eles;
- Nível de desenvolvimento dos pais – capacidade de se desenvolver e de permitir aos filhos que se desenvolvam;
- As identificações predominantes do indivíduo – identificar-se com o pai, com a mãe, tios, avós ou outros familiares;
- Fantasia de doença e de cura – necessitam de um depositário da patologia ou assumem responsabilidade perante isso;
- Adequação à realidade – transmissão de conhecimento, estabelecimento de limites e a capacidade de regressar para compreender o filho; retornar à condição de adulto;
- Fatos familiares encobertos na rotina familiar (mitos familiares).

Todos esses aspectos podem ser aplicados de duas formas: numa entrevista diagnóstica familiar tradicional ou numa entrevista diagnóstica familiar lúdica.

Já Jorge Visca (1996, p.54) nos apresentou um modelo de entrevista muito interessante, que ele chama de ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM (EOCA) que tem como objetivo verificar o modelo de aprendizagem do indivíduo que está necessitando do amparo terapêutico. Utilizando-se de materiais como folhas de papel lisas e pautadas, lápis novos sem pontas, apontador, caneta esferográfica, borracha, tesoura, régua, livros e revistas etc. Ele pede que o sujeito mostre a ele algo que ele saiba fazer com o material e deixa-o à vontade para começar a produzir.

A atitude do terapeuta após esse primeiro “comando” é o de observação. Caso a criança fique paralisada é necessária uma intervenção do tipo: “você pode desenhar, pintar, recortar ou qualquer outra coisa que você queira fazer...”. Depois que a primeira produção for realizada o terapeuta pode pedir para que seja realizada outra coisa que não aquela e analisando as reações, bem como a metodologia que o sujeito vai desenvolvendo para as produções realizadas.

O terapeuta também pode durante as produções realizar pequenas intervenções descrevendo oralmente os passos que observou no decorrer da metodologia empregada pelo indivíduo. Ex.: “Eu pensei que você ia expor o problema de forma diferente”, “Vi que você prefere desenhar quadrados a círculos” etc. No momento dessas pequenas intervenções podemos observar a possibilidade de modificação da conduta, a desorganização ou reorganização do sujeito, as justificações verbais ou pré-verbais e os sentimentos de recusa ou aceitação do outro. É de crucial importância observar a temática (aquilo que a pessoa diz conscientemente), a dinâmica (os gestos, a linguagem corporal e o tom de voz emitido) e o produto (produções no papel) realizado pelo sujeito durante a entrevista. Para que ao final tenhamos formada uma hipótese de diagnóstico que possamos seguir para ser confirmada ou modificada no decorrer do processo avaliativo e de intervenção.

Ainda no processo de investigação - para formação de um diagnóstico e depois passar os resultados em forma de uma entrevista devolutiva – podemos utilizar o recurso da SESSÃO LÚDICA CENTRADA NA APRENDIZAGEM, também nos apresentada por Maria Lúcia Weiss (1997, p. 41):

“Em síntese, muitas coisas podem ser observadas. O importante é se fixar no vetor aprendizagem e investigar o que está envolvido nesse processo e sua relação com a queixa. Ver o que faz, como faz, como organiza esse fazer em suas múltiplas facetas cognitivas, afetivo-sociais e corporais, em suas ligações com o processo pedagógico. É fundamental relacionar o observado com os dados obtidos nos testes e nas entrevistas de anamnese”.

A aplicação dessa sessão lúdica dependerá muito do sujeito observado. No caso de crianças, a seleção do material dependerá do objetivo específico da sessão e da idade da criança. Alguns exemplos de material que podem ser utilizados: papéis (de todas as cores e formas), lápis, canetinhas, apontador, cola, tesoura, massinhas de modelar, régua, revistas e livros, embalagens vazias, caixinhas, carretéis, retalhos, pinos de encaixe, tintas e pincéis, fantoches, brinquedos de animais, flores, bonecos etc. no caso de crianças. Já no caso de adolescentes, podemos utilizar jogos comerciais mais elaborados.

O local e o tempo devem ser observados. Estrutura-se esse material (no caso de crianças) em uma caixa e deixa-se que a criança a explore e escolha o que gostaria de realizar. Neste momento, o terapeuta assume uma postura de observação captando principalmente as escolhas feitas pelo material e a brincadeira, o modo como brinca a criança e a relação desta com o terapeuta ali presente em sala. A escolha das brincadeiras e o modo de brincar devem ser analisados tentando uma ligação com a queixa e com a aprendizagem escolar.

Podemos citar algumas técnicas que são utilizadas nesta seqüência apresentada como metodologia no processo de obtenção de informações para formulação de hipóteses de diagnóstico, claro que não é uma seqüência inflexível já que lidamos com indivíduos muito diferentes, que devem ter suas faixas-etárias respeitadas:

- Entrevista livre;
- Teste de desenho livre;
- Teste da figura humana;
- Teste do par educativo;
- Teste da família prospectiva;
- Técnica das frases incompletas;
- Colagens;
- Testes intelectuais (geralmente Piagetianos).

Passado o período inicial de investigação da queixa e do problema apresentado, forma-se pelo terapeuta uma hipótese de diagnóstico do qual agora deve ser passado aos familiares do sujeito analisado, através da Entrevista Devolutiva. Tem como objetivo transmitir os resultados do psicodiagnóstico obtidos, passando-os de forma discriminada, organizada e inerente às peculiaridades do indivíduo.

É o momento onde o terapeuta irá transmitir à família o que acredita ser o mais viável para aquele indivíduo, em termos de tratamento psicopedagógico – se assim acreditar existir essa necessidade – pois existem casos também em que é constatado que não há necessidade de uma intervenção psicopedagógica e até de encaminhamentos para outros profissionais de áreas afins como a psicologia, a fonoaudiologia, a terapia ocupacional, a neuropediatria etc.

Podemos elencar alguns objetivos da entrevista devolutiva:

- relatar as particularidades e os dados analisados;
- verificar as reações do sujeito e dos familiares, bem como a capacidade de compreensão destes;
- identificar informações complementares;
- fazer recomendações inerentes ao processo;
- fazer um fechamento de cliente para terapeuta – encerrando ou dando continuidade ao processo – e as formas dos procedimentos a seguir a partir daquela sessão devolutiva.

Particularmente, existem casos em que podem ser necessários vários tipos de comunicação entre os interessados no processo. Daí, muitas vezes, necessita-se de uma entrevista devolutiva com os pais, com a criança, laudos para profissionais que foram solicitados ou encaminhados (psicólogos, fonoaudiólogos, neuropediatras etc.) e um parecer para o serviço de orientação educacional da escola.

2.2. METODOLOGIAS UTILIZADAS

Passada a primeira fase de investigação para formação do diagnóstico, o psicopedagogo já pode se posicionar sobre uma forma de aplicar uma intervenção psicopedagógica mais adequada ao caso do cliente apresentado. Solucionadas todas as questões iniciais sobre o diagnóstico, acordados os termos das consultas, honorários e constância do tratamento, dá-se início ao processo propriamente dito de intervenção.

Tem como primeiro passo um planejamento estratégico de como lidar com aquele caso em particular. Um estudo apurado deve ser feito sobre o indivíduo – com base no que foi colhido – nos períodos de investigação através das entrevistas, observações e percepções durante os contatos diretos que teve com o sujeito, para daí o psicopedagogo estipular sua linha de ação e postura. É de importância fundamental que o terapeuta não ache que existe uma fórmula coesa e inerente a todos os casos. Cada caso é um caso em particular e assim exige tratamento exclusivo. O que deu certo para um cliente pode não resolver para outro e assim por diante. Então o primeiro passo é ter esta consciência.

Partindo das hipóteses e do diagnóstico, monta-se a linha de ação dentro da área que o sujeito apresenta dificuldade. Em linhas gerais, os processos interventivos constituem-se de sessões de uma hora – se possível e ideal por duas vezes na semana – onde serão aplicadas técnicas de aprimoramento e despertar da aprendizagem, focalizando claro, com mais ênfase, a área da dificuldade apresentada.

São testes nas diversas áreas, jogos lúdicos, provas operatórias e atividades envolvendo as áreas motoras e cognitivas para que o indivíduo se apaixone novamente pelo aprender, para que se sinta novamente motivado a buscar o saber. Já que a psicopedagogia tem esse objetivo – o resgate do desejo de querer aprender – todas as sessões de intervenção devem ter um cunho de sensibilidade do profissional; não no sentido de envolver-se emocionalmente, mas no buscar entender mais a fundo os sinais positivos ou negativos que o indivíduo está apresentando em resposta à intervenção realizada.

2.3. RESULTADOS

Os resultados obtidos são sempre direcionados às áreas que o indivíduo apresenta queixa. E este na verdade é o objetivo e o enfoque do tratamento. Embora, em alguns casos se observa que é uma construção de resultados – muitas vezes – lenta e progressiva. O que precisamos deixar os familiares cientes deste fato desde o início, quando da primeira entrevista ainda, pois a “fantasia de cura” que os familiares apresentam são, na maioria das vezes, de que a intervenção será eficaz, que o filho ficará “curado” rapidamente e que não apresentará mais os sintomas. Este é um fato a se notar, que merece algumas considerações e explicações do profissional para dirimir todas as dúvidas inerentes às questões para os pais e familiares.

Se uma intervenção for bem realizada, ela já aos primeiros momentos apresentará alguns resultados favoráveis, mesmo em crianças com extremas dificuldades de aprendizagem. Pois o movimento contínuo da relação aprendente x aprendiz é sempre dinâmico e se faz em graus inerentes à capacidade cognitiva do indivíduo, mas sempre se opera, dentro de qualquer contexto, mesmo que em graus mínimos. O progresso é certo. Os resultados almejados podem não ser percebidos e/ou atingidos por completo, mas sempre denotam conhecimento internalizado, mesmo nos casos mais complexos.

Os resultados são observados tanto com relação à parte técnica em si da aprendizagem (como exemplo, melhoria na grafia e na leitura de crianças que estavam com problemas específicos nessas áreas), como na parte relacional e emocional, no que diz respeito a se sentirem mais seguras e desejosas de uma maior aprendizagem, ou seja, notam-se que os desejos pelo saber se renovam ou se reencontram.

3. DESENVOLVIMENTO DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Intervir psicopedagogicamente requer observação, percepção e criatividade, pois o profissional deverá trabalhar no indivíduo suas capacidades e suas limitações, inerentes ao processo por que esteja passando. Portanto, observar, analisar detalhadamente o indivíduo, elencando suas qualidades cognitivas e suas limitações (momentâneas) é fato imprescindível para obtenção de bons resultados.

A convicção de que se está diante de um indivíduo cheio de imensas potencialidades – em diversas áreas – nos dá a certeza de que o caminho da solução do problema pode ser trilhado de uma forma mais branda e não-traumatizante, principalmente, se forem utilizados subsídios e peculiaridades, a partir das maiores capacidades cognitivas que este apresenta. Ou seja, temos de partir para uma intervenção psicopedagógica com a certeza de que vamos utilizar o lado positivo e bem trabalhado do indivíduo, para ajudá-lo a “curar-se” do seu lado, momentaneamente, não-producente.

Somos dotados de muitas capacidades cognitivas – hoje denominadas e diferenciadas como Inteligências Múltiplas – em diversas áreas: lingüística, lógico-matemática, musical, intra-pessoal, interpessoal, corporal cinestésica, espacial, naturista e espiritual. É certo que alguns indivíduos desenvolvem uma ou mais capacidades destas – de forma simultânea e concomitante – o que nos faz crer que não existem fórmulas específicas de intervenção, daí a necessidade de se conhecer, no período de investigação e diagnóstico, as aptidões cognitivas (qual área de inteligência) mais “abundantes” naquele sujeito e as capacidades menos “trabalhadas”, para que a partir delas possamos traçar um plano de ação e desenvolvimento da aprendizagem.

3.1. IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO INDIVÍDUO

Em seu livro, *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*, Celso Antunes (1998, p. 14) nos fala que os cinco primeiros anos de vida de um ser humano são fundamentais para o desenvolvimento de suas inteligências. Que nos primeiros anos de vida nosso cérebro vai de 400 gramas até perto de um quilo e meio (do nascimento à fase adulta), devido ao número de múltiplas conexões entre os neurônios que formam uma rede de informações complexas e diversificadas. Elucida-nos melhor dizendo:

“Essa rede se apresenta em pontos diferentes do cérebro e, ao que tudo indica, possui especificações que diferenciam uma inteligência da outra. Essa área do organismo não nasce pronta, isso vai acontecendo progressivamente, sobretudo entre os cinco e os dez anos de idade, quando em seu respectivo hemisfério se plugarem as terminações nervosas responsáveis pela fala, visão, tato, percepção lógica, lingüística, sonora e outras. Para que esse desenvolvimento cerebral atinja toda sua potencialidade e multiplique seu poder de conexões, necessita de ginástica e esta é, genericamente, chamada de estímulos. Estes devem ser produzidos por adultos e outras crianças, mas com serenidade. A obsessão por tentar estimular o cérebro, o tempo inteiro, é tão nociva quanto dar comida ao estômago em quantidade excessiva. Mesmo quando os estímulos não são oferecidos, o cérebro sabe procurá-los nos desafios a que se propõe” (Antunes, 1998, p. 14).

Ainda Celso Antunes (p. 16) nos diz que as crianças são semelhantes em inúmeros aspectos e singularíssimas em outros. E que seus desenvolvimentos são fruto de uma evolução extremamente complexa que combina três percursos:

- Evolução biológica – desde os primatas até o ser humano;
- Evolução histórico-cultural – que resultou na progressiva transformação do homem primitivo ao ser contemporâneo;
- Desenvolvimento individual de uma personalidade específica (ontogênese) – pela qual atravessa inúmeros estágios, de bebê à vida adulta.

Afirma que as crianças adaptam-se facilmente e participam das culturas às quais estão inseridas, refletindo a diversidade e riqueza, inerentes à humanidade, sempre com a habilidade de se recuperarem e transformarem o mundo à sua visão e entendimento, para que aos poucos sejam “moldadas” aos preceitos de normas e regras sociais passando a coexistir com toda a sociedade.

O professor Antunes (1998, p.16) nos fala da importância do ambiente, da educação e de como devemos trabalhar com sujeitos levando em consideração suas capacidades cognitivas individuais:

“... ambiente e educação são essenciais, o resto quase nada. Um ambiente afetuoso e uma educação rica em estímulos ajudam a superar muitas das privações e atenuar os efeitos de conseqüências emocionais”...

“A importância do ambiente e da educação necessita, entretanto, ser percebida em uma dimensão expressiva, mas não infinita. Nenhuma criança é uma esponja passiva que absorve o que lhe é apresentado. Ao contrário, modelam ativamente seu próprio ambiente e se tornam agentes de seu processo de crescimento e das forças ambientais que elas mesmas ajudam a formar. Em síntese, o ambiente e a educação fluem do mundo externo para a criança e da própria criança para seu mundo” ...

“A adequação entre os adultos e a criança produzem afetações recíprocas e todos os jogos usados para estimular suas múltiplas inteligências somente ganham validade quando centrados sobre o próprio indivíduo. Em outras palavras, todo jogo pode ser usado para muitas crianças, mas seu efeito sobre a inteligência será sempre pessoal e impossível de ser generalizado”.

Enfim, podemos inferir do que o professor nos passa em seu livro, é que os seres se desenvolvem integralmente, embora alguns estejam mais aptos em algumas áreas específicas, enquanto outros já se destacam em outras áreas; que os estímulos devem ser universais, mas que se explorem suas aptidões mais “gritantes”, a fim de que os rendimentos sejam melhores e motivadores de outros estímulos em outras áreas cognitivas ainda não-producentes.

3.2. CONTRIBUIÇÃO DA INTELIGÊNCIA MÚLTIPLA DOMINANTE NO INDIVÍDUO PARA A DIFICULDADE ESPECÍFICA APRESENTADA

A visão que tentamos abordar neste trabalho é a utilização das inteligências múltiplas mais desenvolvidas de um indivíduo, para que ele retome o desejo por aprender, nas áreas em que ele apresenta mais dificuldades. Na verdade é o utilizar-se do “agradável” e do “fácil” para que possamos trabalhar o “difícil” e o “chato”.

Portanto, acreditamos que numa intervenção psicopedagógica o terapeuta deve realizar suas atividades e ações, retirando subsídios e elementos mais agradáveis do indivíduo (de suas áreas cognitivas mais “abundantes”), para que ele aprenda a usar esses elementos como ferramenta, para superar a crise de não-aprendizagem em outra área específica ainda não dominante.

Como por exemplo, podemos citar uma criança que esteja com dificuldades na área de matemática – digamos que não aprenda (ou decore) os conceitos de números ímpares e pares – mas que esta mesma criança tem uma capacidade enorme na área musical, o terapeuta pode utilizar-se da música (formulando pequenas “cantigas”) para ensinar os conceitos onde ela apresenta a dificuldade, mas não só isso, ele deve ensinar a criança a utilizar-se desses recursos para que ela mesma encontre a motivação pela matemática; se tiver de ser através da música, que seja. Que a criança reencontre a motivação e o desejo de aprender aqueles conteúdos, através de ferramentas das quais tem maior facilidade e que a traz um sentimento de satisfação emocional. Se a aptidão maior for com pintura – por exemplo – que o terapeuta use esse recurso para ensinar-lhe matemática. Mas, sempre mostrando e correlacionando os conteúdos que ela deve superar e aprender.

É certo que nem em todos os momentos a criança vai poder utilizar essas ferramentas (pintar em toda aula de matemática ou até mesmo ficar cantando nas aulas), mas que num primeiro momento o despertar pelo desejo de reiniciar o processo de gostar do conteúdo/disciplina seja atingido. O que devemos fazer é desmistificar que aquele conteúdo/disciplina é um “bicho-papão” que causa medo e distanciamento. Conseguindo esse primeiro intento, formam-se estratégias onde o indivíduo possa captar estes conteúdos disciplinares da forma usual do ensino que recebe em sua escola. A grosso modo, temos até uma palavra de ordem que expressa esse primeiro momento: “apaixone-o!”, depois faça com que ele perceba o ensino formal que recebe e como pode se adequar a este, sem cristalizar de novo as dificuldades anteriormente sentidas.

É muito comum ouvirmos relatos do tipo: “Eu odiava português (ou qualquer outra disciplina) por causa da professora (...), ela não sabia ensinar; mas depois eu passei a gostar de português com outra professora (...)...”. Este é um dos pontos causadores de desestímulos na educação atual. Existe uma enorme diversidade intelectual em nossos alunos – já que vimos que cada indivíduo traz sua bagagem de conhecimento e aptidões, melhores e maiores, em diferentes áreas cognitivas – e os professores não podendo atender às particularidades de cada um, procuram fórmulas “mais gerais” de ensino, para que possam atingir o maior número de alunos possíveis. O que sabemos ser, muitas vezes, incapazes de conseguir atingir o percentual máximo. Sempre haverá alguém que não se adequa ou que em suas capacidades cognitivas mais abundantes, não é capaz de captar e se motivar com a metodologia utilizada pelo educador. O problema, na maioria das vezes, não é do educador. O tempo e a metodologia exigidas, hoje, nas instituições de ensino não lhe permitem maior liberdade de ação de conhecer e trabalhar a fundo com as particularidades de cada aluno.

O Psicopedagogo deve tentar fazer com que esse indivíduo descubra em si mesmo os mecanismos de “cura” para os problemas passageiros de não-aprendizagem. Transmitir-lhes a idéia de que eles são capazes por si mesmos de vencer esse momento contra-producente, utilizando-se do que eles melhor sabem fazer e têm mais confiança.

Os estímulos para uma intervenção desta natureza e, feita desta forma, devem ser focalizados na área em que o indivíduo esteja apresentando dificuldades, mas que sejam momentos agradáveis, pois serão utilizados recursos que ele já domina a partir de suas áreas cognitivas mais fortes.

4. METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO TRABALHANDO AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Como já dissemos outrora, é difícil que os educadores atinjam a todos os alunos de uma só vez e forma, causando, portanto incompreensões e até apatias entre eles. Nasce então a necessidade da intervenção psicopedagógica nos casos mais complexos. Embora os papéis de professores e psicopedagogos sejam da mesma área da Educação, estes devem ser preservados às instâncias à que pertencem. Trabalhando, simultaneamente, numa ajuda mútua para o despertar do interesse do aluno pela sua própria aprendizagem e evolução.

Como diz Celso Antunes (1998, p. 12), “elemento indispensável e imprescindível na aplicação dos jogos é o professor. Um profissional que assume sua crença no poder de transformação das inteligências, que desenvolve os jogos com seriedade, que estuda sempre e se aplica cada vez mais, desenvolvendo uma linha de cientificidade em seu desempenho, mas que essa linha não limite sua sensibilidade, alegria e entusiasmo. Um promotor de brincadeiras, que sabe brincar”. Infere-se que o professor deve utilizar-se dos jogos em sala de aula para transmitir conteúdos e – de vez em quando – disponibilizar um tempo adequado para “apaixonar” seus alunos, através da ludicidade inerente aos jogos, num casamento perfeito entre o saber e o prazer.

A Intervenção Psicopedagógica, da mesma forma, utiliza-se dos jogos como seu recurso mais importante. Os jogos são importantes motivadores e ferramentas imprescindíveis na manutenção do desejo pela aprendizagem.

“O jogo, em seu sentido integral, é o mais eficiente meio estimulador das inteligências. O espaço do jogo permite que a criança (e até mesmo o adulto) realize tudo quanto deseja. Quando entretido em um jogo, o indivíduo é quem quer ser, ordena o que quer ordenar, decide sem restrições. Graças a ele, pode obter a satisfação simbólica do desejo de ser grande, do anseio de ser livre. Socialmente, o jogo impõe o controle dos impulsos, a aceitação das regras, mas sem que se aliene a elas, posto que são as mesmas estabelecidas pelos que jogam e não impostas por qualquer estrutura alienante. Brincando com a sua espacialidade, a criança se envolve na fantasia e constrói um atalho entre o mundo inconsciente, onde desejaria viver, e o mundo real, onde precisa conviver”...

(...) o jogo não é uma tarefa imposta, não se liga a interesses materiais imediatos, mas absorve a criança, estabelece limites próprios de tempo e de espaço, cria a ordem e equilibra o ritmo com harmonia” (ANTUNES, 1998, p.17).

Veremos a seguir como seria uma intervenção psicopedagógica centralizada nas potencialidades das inteligências múltiplas de cada indivíduo.

4.1. DIAGNÓSTICOS

Nosso objetivo não é desconsiderar a forma com que são feitas as intervenções psicopedagógicas hoje, mas adicionar elementos a mais nesta prática. Os passos dar-se-ão da mesma forma, assim como foram descritos no início deste trabalho, apenas inserimos algumas particularidades a mais, direcionadas para este estudo das capacidades cognitivas mais “abundantes” no indivíduo analisado.

Nos casos das primeiras entrevistas investigativas, estas continuam a existir, apenas adicionamos algumas perguntas a mais para os entrevistados:

- para a família:
 - que características vocês acham que o “fulano” tem mais aptidão?
 - podem citar exemplos que embasem essa resposta?
 - na observância de suas ações cotidianas o “fulano” apresenta gostar de:
 - () leitura e produção de textos [lingüística]
 - () facilidades com números e raciocínio lógico [lógico-matemática]
 - () cantar ou envolver-se com sons [musical]
 - () si mesmo, auto-estima equilibrada [intra-pessoal]
 - () relacionar-se com os outros [interpessoal]
 - () dançar, movimentar o corpo [corporal cinestésica]
 - () facilidade em orientar-se nos lugares ou projetar espaços [espacial].

- para o cliente:

- o que você mais gosta de fazer? (marque as opções a partir do que o cliente for dizendo)

- () leitura e produção de textos [lingüística]
- () facilidades com números e raciocínio lógico [lógico-matemática]
- () cantar ou envolver-se com sons [musical]
- () si mesmo, auto-estima equilibrada [intra-pessoal]
- () relacionar-se com os outros [interpessoal]
- () dançar, movimentar o corpo [corporal cinestésica]
- () facilidade em orientar-se nos lugares ou projetar espaços [espacial].

Da mesma forma, pergunta-se ao cliente:

- o que você acha que não gosta de fazer? (marque as opções a partir do que o cliente for dizendo)

- () leitura e produção de textos [lingüística]
- () facilidades com números e raciocínio lógico [lógico-matemática]
- () cantar ou envolver-se com sons [musical]
- () si mesmo, auto-estima equilibrada [intra-pessoal]
- () relacionar-se com os outros [interpessoal]
- () dançar, movimentar o corpo [corporal cinestésica]
- () facilidade em orientar-se nos lugares ou projetar espaços [espacial].

Através destas perguntas e de outras mais que se possam formular no sentido de investigar quais são as aptidões maiores do cliente, em que áreas ele mais se destaca e em quais menos se adequa, podemos ter um norte a seguir como plano de ação para um diagnóstico mais preciso e depois deste – se necessário – uma intervenção mais embasada.

Um dos primeiros passos também seria encaixar a queixa em algumas das áreas cognitivas que fazem parte das inteligências múltiplas. Como por exemplo, vejamos depoimentos de uma mãe sobre o filho numa entrevista inicial:

- “A professora disse que meu filho não tem a menor concentração para as atividades de matemática. Que ele não sabe matemática, não sabe resolver pequenas continhas, não efetua nenhuma operação...” – essa criança demonstra ter dificuldades na *área lógico-matemática*.
- “Ele não pára em sala de aula. Fica o tempo todo conversando com as outras crianças...” – podemos inferir dessa frase, que este mesmo garoto não tem problemas com a *área interpessoal*.
- “A professora também já relatou que ele gosta de fazer barulho produzindo sons com os lápis, batendo nas carteiras e cantando músicas” – este garoto tem facilidades com a *área musical*.

Quando classificamos e norteamos ações positivas e dificuldades dos clientes, baseadas nas inteligências múltiplas, podemos criar melhores estratégias de ação, no tocante às atividades e jogos que vamos utilizar no processo de intervenção.

As técnicas normais de investigação para formação da hipótese de diagnóstico são aplicadas da mesma forma, como a HORA DO JOGO, o PAR EDUCATIVO, as PROVAS OPERATÓRIAS entre outras.

4.2. INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

A Intervenção Psicopedagógica se processa em várias sessões, de acordo com o cliente a ser trabalhado, obedecendo às particularidades deste em todos os sentidos. Traça-se uma linha de ação – sempre dinâmica – porquanto o movimento e as ações com o indivíduo serão aplicadas, de acordo com as respostas que este vai passando ao profissional.

Organização, dinamicidade e afetividade são palavras de ordem para uma boa intervenção. Organização e consciência das metas a serem atingidas durante o processo, dos planos de ação a serem executados e os resultados destes. Ações dinâmicas são essenciais, já que a interação dentro de uma intervenção psicopedagógica trabalha sempre instigando a criatividade dos dois coadjuvantes do momento: o sujeito e o psicopedagogo.

Esta relação quanto mais dinâmica e criativa, mais prazerosa se tornará, abrindo espaço para o nosso terceiro elemento: a afetividade. A afetividade se torna necessária, pois através dela conseguiremos uma “total entrega” do indivíduo – no sentido dele se sentir acolhido e autorizado a aprender – relaxando mais e se deixando envolver no processo de redescoberta de seu lado cognitivo. Daí, concluímos que levando em consideração esses três aspectos fundamentais, a melhor maneira de se intervir é com a utilização de jogos, explorando bem os aspectos lúdicos, não de forma aleatória, mas de forma programada e consciente.

Já citamos anteriormente a importância dos jogos no processo de intervenção psicopedagógica. Todavia, algumas considerações são importantes que se apresentem. Existem diferenças na aplicação de jogos para crianças alfabetizadas e crianças não-alfabetizadas, bem como a própria avaliação que se é feita neste contexto. Para as crianças não-alfabetizadas “os jogos devem ser vistos como “leituras” da realidade e como ferramenta de compreensão de relação entre elementos significantes (palavras, fotos, desenhos, cores etc.) e seus significados (objetos)” (Antunes, 1998).

Numa intervenção psicopedagógica existem inúmeros testes que devem ser aplicados para que continuem as análises sobre as maiores dificuldades dos pacientes. Avaliando o nível de pensamento alcançado pelo sujeito e suas características funcionais. Assim como estes testes nos dão esta noção, os jogos – da mesma forma – são eficientes meios de descoberta e tratamento das dificuldades de nossos clientes. Podemos observar em meio aos jogos como andam os vários aspectos do indivíduo: cognitivo, motor, psicológico e emocional etc. E em que período cognitivo aquele indivíduo se encontra, pois de acordo com os estudos piagetianos, a criança pré-escolar encontra-se em uma fase de transição fundamental entre a ação e a operação (período pré-operatório – que se localiza entre o sensório-motor e o operatório concreto), ou seja, entre aquilo que separa a criança do adulto. Sendo também uma fase de preparação para o período Operatório Concreto.

Em seus estudos Piaget destacava quatro etapas, em que todos os jogos poderiam ser delineados:

- os índices – relações significantes estreitamente ligadas aos significados (exemplo de uma pegada de um animal indicando que ele passou por aquele local);
- os sinais – relações indicadoras de etapas e marcações dos jogos (exemplos de apitos ou de sinais de início, término ou etapas);
- os símbolos – relações já mais distantes entre o significante e o significado (exemplo de fotos, desenhos, esquemas);
- os signos – elementos significantes inteiramente independentes dos objetos (as palavras e os números).

A compreensão destas etapas é importante e a utilização delas, para que na seleção dos jogos a serem aplicados, o profissional siga uma ordem evolutiva de jogos estimuladores de índices até que se chegue aos estimuladores de signos. Da mesma forma, jogos que estimulam o tato, a audição, o paladar (índices) devem preceder aos que estimulam ou estão embasados nas sinalizações; depois partindo destes para os que trabalham as descobertas dos símbolos (como pesquisas em revistas, colagens, recortes, desenhos, dramatizações etc.); por último, os que exploram signos (as palavras e os números) já que lidam com a compreensão de letras e desenhos de objetos.

Além de observar essas particularidades citadas acima devem ser observadas para criação e aplicação de jogos e atividades, voltadas para a estimulação de inteligências múltiplas, as habilidades operatórias e as peculiaridades de cada área, bem como as faixas-etárias de cada etapa de ensino.

A seguir demonstramos quadros – sugerido por Antunes - que trazem verbos que delineiam as melhores ações pedagógicas dentro de suas faixas-etárias e graus de ensino, bem como linhas de estimulação adequadas a cada tipo de inteligência.

QUADRO 1
- VERBOS DE AÇÃO PARA CADA ETAPA DE ENSINO -

Educação Infantil	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Observar	Enumerar	Refletir	Flexionar
Conhecer	Transferir	Criar	Adaptar
Comparar	Demonstrar	Conceituar	Decidir
Localizar no tempo	Debater	Interagir	Selecionar
Separar / reunir	Deduzir	Especificar	Planejar
Medir	Analisar	Ajuizar	Negociar
Relatar	Julgar / Avaliar	Discriminar	Persuadir
Combinar	Interpretar	Revisar	Liderar
Conferir	Provar	Descobrir	Edificar
Localizar no espaço	Concluir	Levantar/ Hipóteses	
Classificar	Seriar		
Criticar	Sintetizar		

Fonte: ANTUNES, 2005, p. 38.

QUADRO 2
– LINHAS DE ESTIMULAÇÃO DE ACORDO COM AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS –

INTELIGÊNCIAS	LINHAS DE ESTIMULAÇÃO
LINGUÍSTICA	Vocabulário – Fluência Verbal – Gramática – Alfabetização – Memória Verbal.
LÓGICO-MATEMÁTICA	Conceituação – Sistemas de numeração – Operações e Conjuntos – Instrumentos de medida – Pensamentos lógicos.
ESPACIAL	Lateralidade – Orientação espacial – Orientação temporal – Criatividade – Alfabetização cartográfica.
MUSICAL	Percepção auditiva – Discriminação de ruídos – Compreensão de sons – Discriminação de sons – Estrutura rítmica.
CINESTÉSICO-CORPORAL	Motricidade e coordenação manual – Coordenação visomotora e tátil – Percepção de formas – Percepção de peso e tamanhos – Paladar e audição.
PESSOAL (Intrapessoal e Interpessoal) (Espiritual)	Percepção corporal – Autoconhecimento e relacionamento social – Administração das emoções – Ética e empatia – Automotivação e comunicação interpessoal.
NATURALISTA	Curiosidade – Exploração – Descoberta – Interação – Aventuras.
PICTÓRICA	Reconhecimento de objetos – Reconhecimento de cores – Reconhecimento de formas e tamanhos – Percepção de fundo – Percepção visomotora.

Fonte: ANTUNES, 2005, p. 39.

Citaremos um exemplo bem sucinto de como realizar um tratamento com um cliente tomando como base a intervenção voltada às inteligências múltiplas:

a) Cliente: Lucas (nome fictício) – 8 anos; cursa a 2ª série – escola particular.

*** Na etapa de formação de Diagnóstico:**

- Entrevista inicial com os pais e com Lucas (obs.: vivem juntos – pai, mãe e filho único).

- Aspectos investigados na entrevista:

- 1) Dados pessoais;
- 2) Encaminhamento;
- 3) Anamnese;
 - 3.1) Vida escolar;
 - 3.2) Fantasia dos pais – de cura e de doença;
 - 3.3) Fala dos pais sobre as maiores aptidões e as maiores dificuldades do filho;
 - 3.4) Fala do filho em relação às suas maiores aptidões e as maiores dificuldades;
- 4) Demais dados:
 - 4.1) Escola;
 - 4.2) Psicóloga, Neurologista ou outros profissionais;

- Aspectos investigados nos exames para formação de diagnóstico;

- 5) Postura diante e durante os exames;
- 6) Linguagem utilizada no decorrer das aplicações dos exames;
- 7) Quais as principais tendências e as áreas cognitivas (inteligências múltiplas) mais fortes e mais fracas explicitadas durante os exames;
- 8) Exames: hora do jogo, par-educativo, provas operatórias etc.

*** Etapa de entrevista devolutiva:**

- Depois de formulada hipótese de diagnóstico fazer devolução com os pais e cliente – necessidade de intervenção psicopedagógica (no caso de nosso exemplo aqui - Lucas).

*** Etapa de intervenção psicopedagógica:**

- Formulação do Plano de Ação:

1) Aspectos constatados:

1.1) Período ou fases em que se encontra o cliente (conforme Piaget);

1.2) Quais as capacidades cognitivas mais positivas que o indivíduo apresenta;

1.3) Quais as capacidades cognitivas mais “negativas” ou “estacionadas” que o indivíduo apresenta;

2) Traçar metas e linhas de atuação – planejamento psicopedagógico;

3) Quais as atividades e os jogos mais adequados à intervenção com aquele indivíduo;

*** Etapa de Resultados Cognitivos:**

- Período de observação de resultados auferidos com o tratamento;

- Entrevista devolutiva com pais e clientes.

*** Metodologia:**

- Preparam-se jogos e atividades que trabalhem com as inteligências múltiplas mais positivas do indivíduo, direcionadas para as queixas de não-aprendizagem.

Ex.: Lucas – 8 anos. Queixa: dificuldades em matemática.

- Capacidades cognitivas mais fortes: musical, interpessoal, intrapessoal, lingüística, pictórica.

- Capacidades cognitivas menos trabalhadas: espacial, lógico-matemática.

- Utilizam-se jogos e atividades que explorem suas capacidades positivas direcionadas ao ensino de matemática. Daí o profissional vai ter de utilizar toda a sua criatividade para encontrar as atividades e os meios corretos de aplicação, dentro de uma realidade em que o indivíduo possa retirar para seu cotidiano escolar essa motivação:

* Atividades: ao som de uma música que o garoto goste, relacionar a matemática à música. Tentar mostrar através de uma coisa que ele se identifica, que ele pode vencer uma dificuldade e resolvê-la com mais facilidade se este conseguir relacionar os fatos. Utilização de objetos e instrumentos musicais nos exemplos de matemática. Facilitação do ensino da matemática utilizando exemplos musicais.

* Exemplos: Marcos tinha 30 violões e teve de repartir com 10 amigos. Com quantos ficou? / Se tenho 3 violões, 5 trompetes, 2 cornetas, 3 violoncelos, quantos instrumentos eu tenho? / Fazer contagem de números através de sons e batidas rítmicas, criando problemas que este possa resolver respondendo através de batidas também.

As atividades devem ir aumentando de complexidade à medida que o tratamento for se desenvolvendo, até que o psicopedagogo introduza atividades não relacionadas à música – mais voltadas – ao cotidiano escolar, para analisar o grau de internalização da metodologia e aprendizagem que o cliente conseguiu captar. Sempre promovendo momentos em cada sessão em que o cliente possa deleitar-se com o lado positivo de sua capacidade cognitiva, a fim de incentivar a sua motivação em desenvolver seu lado menos trabalhado.

4.3. RESULTADOS

Intervir psicopedagogicamente trabalhando as potencialidades das inteligências múltiplas é injetar constantemente auto-estima no indivíduo, já que está sempre o incentivando a desenvolver o que tem de melhor e a enxergar o que tem de menos desenvolvido para crescer da mesma forma.

Os resultados auferidos nas intervenções psicopedagógicas nesta metodologia são bem mais expressivos, no tocante à problemática apresentada pelo cliente. O cliente jamais sai da mesma forma que entrou no consultório clínico, pois estamos falando e lidando com Aprendizagem – e, considerando a amplitude deste termo, sabemos que esta é constante, mesmo que em níveis imperceptíveis, até mesmo, de forma apenas interna. A certeza que temos é que a aprendizagem se processa de toda forma, mesmo que o indivíduo esteja “temporariamente” não se achando capaz disto ou agindo como tal. Como é um processo que se faz mais internamente, já que se inicia trazendo à tona as potencialidades para daí se trabalharem as dificuldades – realizadas através de atividades que proporcionem prazer no aprender – são internalizadas mais facilmente e os resultados mais duradouros.

Algumas melhoras – temos de citar – são apenas aparentes, pois requerem mais tempo para um tratamento mais apurado, processo que muitas vezes os responsáveis não estão dispostos a levar adiante por motivos diversos, entre eles as condições financeiras da família, a disponibilidade de tempo para acompanhamento da criança ou do adolescente ao consultório etc.

Muitas vezes o processo de não-aprendizagem vem sendo dificultado por outras causas, a citar as orgânicas, as de fundo emocional e psicológico, os quais forçam um tratamento paralelo e concomitante de outras áreas como a psicologia, a neurologia etc. Por isso, em alguns casos, o resultado não é tão imediato, demandando tempo e trabalho conjunto de toda uma equipe multidisciplinar.

Mas o que podemos observar - ao final de todos os métodos de intervenção - é que se utilizando mais das especificidades de cada inteligência podemos obter melhores resultados, do que apenas pelas metodologias convencionais de intervenção que enfocam apenas as queixas.

CONCLUSÃO

Intervir psicopedagogicamente é utilizar-se de todo o potencial criativo dos profissionais e dos clientes, numa troca constante de conhecimentos. Quanto maior for o prazer nesta troca, maiores serão os resultados, pois a afetividade e a cumplicidade necessárias aos acessos mentais, melhor se formam a partir deste contato entre o psicopedagogo e o aprendente, através da ludicidade encontrada na aplicação de jogos e atividades que estimulem o ser de forma integral.

Podemos observar que quando tratamos o ser aprendente, a partir de suas inteligências múltiplas mais direcionadas, mostrando como ele mesmo pode trabalhar suas outras potencialidades, até então guardadas, vemos resultados e progressos muito mais duradouros, do que se apenas os tratássemos exclusivamente em suas queixas.

Nesta metodologia que tentamos transmitir buscamos incentivar o ser integralmente, aumentando-lhe a auto-estima, mesmo que para isso o tratamento demore um pouco mais, mas os resultados são diretamente proporcionais, já que são mais internalizados, não apenas superficiais como se apresentam muitas vezes na intervenção psicopedagógica convencional.

Esta foi a nossa proposta durante este trabalho. Mostrar o quanto a intervenção psicopedagógica realizada com base na estimulação das inteligências múltiplas – principalmente partindo das capacidades cognitivas já dominantes no ser aprendente a ser tratado – traz resultados, o quanto é rica e satisfatória em experiências aos participantes (profissional e cliente) durante todo o processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. Jogos para a Estimulação das Múltiplas Inteligências. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

FERNÁNDEZ, Alícia. A Inteligência Aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. Miniaurélio Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 5ª ed. ampliada.

GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MACHADO, Luiz. Não há inteligências múltiplas. Disponível em: <<http://www.cidadedocerebro.com.br/>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2007.

VISCA, Jorge. Introducion a los juegos lógicos en el tratamiento psicopedagogico. Argentina: Ed. Particular, 1996.

WEISS, Maria Lúcia L. Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. Psicopedagogia Clínica – Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1997.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas – A teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KNAPPE, Pablo Población. Mais do que um Jogo – Teoria e Prática do Jogo em Psicoterapia. Espanha: Ed. Agora, 1998.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994

MARINA, José Antonio. Teoria da inteligência criadora. Lisboa: Caminho da Ciência, 1995.

OLIVEIRA, Vera Barros de. & BOSSA, Nádya Aparecida. Avaliação Psicopedagógica da Criança de Zero a Seis Anos. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. Avaliação Psicopedagógica da Criança de Sete a Onze Anos. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. Avaliação Psicopedagógica do Adolescente. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PAIN, S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

RUBINSTEIN, Edith. Psicopedagogia: Uma Prática, Diferentes Estilos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.